

REVISTA FALA EM REAL 2

Na última sexta-feira chovia em Paris e a temperatura não passava de 3°C. Em salões com calefação, brasileiros que vivem na cidade ensaiavam passos de samba, como fazem todo mês de janeiro. Em outro endereço, um senhor que sorri pouco e gosta de equitação, também ocupava-se do carnaval. Mais precisamente, preparava o Plano C, de carnaval. É o economista André Lara Resende. No final do ano passado ele pediu demissão da presidência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) depois que foram relevadas gravações de conversas telefônicas que tratavam da privatização do Sistema Telebrás.

Segundo a revista *Época* desta semana, Resende, que está em Paris, foi incumbido pessoalmente

pelo presidente Fernando Henrique Cardoso de conceber a correção de rumo do Plano Real depois da crise. Na semana passada, ele telefonou diariamente para o presidente — chegaram a ser três conversas diárias.

Seu auxílio não foi requisitado só depois que o dólar disparou. Faz tempo que Resende está na cabine de comando, sem aparecer. Teria sido do próprio ex-presidente do BNDES a idéia de promover a desvalorização. Ao então diretor do Banco Central Chico Lopes, o presidente Fernando Henrique entregou a tarefa de detalhar a operação. Gustavo Franco ficou à margem do processo e pediu demissão.

Lara Resende tampouco é estreante em planos econômicos. Participou do nascimento do Cru-

zado e do próprio Plano Real. Dele partiu nada menos que a idéia de criar a Unidade Real de Valor (URV), que mais tarde converteu-se na nova moeda.

Além desse currículo técnico e da amizade com o presidente da República, o economista se enquadra nos planos políticos do governo. É ligado ao PSDB, que reivindica as rédeas da equipe econômica. Depois da crise, o partido do presidente Fernando Henrique passou a exigir uma nova cara para o governo. Disposto a apoiar medidas impopulares, outra rodada de cortes por exemplo, o PSDB está convencido de que a pressão por mudanças deverá se tornar insustentável. Por isso, colocou os economistas vinculados ao partido para elaborar propostas indicando o rumo do desen-

volvimento social, apesar da turbulência na economia.

Com cautela e sem pressa, um time de políticos e economistas vem ocupando os espaços como conselheiros do presidente. Nele, estão Lara Resende, que se prepara para voltar ao governo em breve, o ex-ministro das Comunicações Luiz Carlos Mendonça de Barros e os principais ministros tucanos: José Serra, da Saúde, Paulo Renato Souza, da Educação, e Pimenta da Veiga, das Comunicações. Por enquanto, todos insistem no discurso do apoio à equipe econômica. Mas já ficou claro que os chamados desenvolvimentistas estão a caminho da hegemonia no governo. Parlamentares mais próximos ao presidente querem que Fernando Henrique volte a pensar na promessa que fez

ao PSDB de dar um novo perfil ao seu segundo governo.

“Mais dia, menos dia, teremos de mudar. Mas é preciso esperar até que a situação se acalme”, observa o deputado Antônio Kandir (PSDB-SP). O atual cenário, porém, é tão instável que ninguém cogita sugerir mudanças já. Pelo contrário, os tucanos vão aguardar para saber como o país sairá do furacão. Um sinal serão as reservas cambiais. “Ninguém pensa em fragilizar a equipe econômica agora. Estamos apenas conversando muito”, disse o líder do PSDB na Câmara, Aécio Neves.

É por sugestão do economista e antigo assessor do governo Edmar Bacha que Fernando Henrique tem explicado à população o que está acontecendo com a economia. Não é à toa que, em menos de um mês, o

presidente convocou cadeia de rádio e TV. Antes de trabalhar na recauchutagem do Real, Lara Resende preparou a proposta da segunda reforma da Previdência. Nela, tem destaque a Previdência dos estados que o governo pretende utilizar como forma de oferecer alternativas a governadores que não conseguem pagar sua dívida, mesmo depois da renegociação.

“Temos que dar uma forma à nova fase do real”, afirmou a deputada Yeda Crusius (PSDB-RS). A preocupação do PSDB em oferecer propostas e reivindicar mudanças tem também como objetivo neutralizar as cobranças dos demais partidos da base. Os tucanos sabem que pefelistas e peemedebistas não terão disposição de, por muito tempo, continuarem ir-restritamente solidários.